

5 OLINDA X RECIFE: NOVOS CICLOS DE APOGEU E DECLÍNIO

“Olinda, cidade heróica.
Monumento secular, da velha geração
Olinda, serás eterna e eternamente
Viverás, em meu coração.”

Capiba¹



Fotografia 29 – Olinda com Recife ao fundo²

A foto revela a proximidade das duas cidades-irmãs pernambucanas: Olinda e Recife. Gilberto Freyre³ indicou as características identificatórias de cada uma, as do Recife e dos recifenses, e as compara às de Olinda, cidade-mãe, e dos olindenses, dentre as quais destacamos algumas:

O recifense não é hostil à gente de fora: há até qualquer coisa de cosmopolita no seu espírito. Não é de admirar: sua cidade, que é uma espécie de Olinda descida de

¹ Capiba, Lourenço da Fonseca Barbosa, músico, instrumentista e um dos mais importantes compositores de frevos de Pernambuco. Nasceu em Surubim - PE, (28/10/1904) e faleceu no Recife (31/12/1997).

² A imagem revela a proximidade das duas cidades-irmãs. Em primeiro plano a Igreja Matriz de São Pedro Mártir, o casario e a vegetação em Olinda. Por trás o mar e os prédios em Recife. Mostra assim a ligação muito próxima das duas cidades. Fonte: Acervo EMPETUR, 2007.

³ FREYRE, 1968, p. 3-14, grifos nossos.

morros rente com o mar [...] Sem se oferecer ao visitante e buscar seu elogio, o Recife gosta de ser descoberto no que tem de esquivo [...] Olinda se oferece um tanto como Salvador aos olhos dos turistas, dos fotógrafos, dos pintores. O Recife seguindo exemplo da *mãe* — Olinda — tem sobrevivido a assalto à sua integridade [...] Capital de Estado o Recife, completado *maternalmente* por Olinda [...] Recife é a capital do Nordeste como Olinda é *mãe* de todo o atual conjunto de prósperos burgos nordestinos [...] O Recife é uma cidade-sereia: com suas muitas águas, tem encantos. Encantos de suas águas do mar e a que se juntam as águas de rios [...] Praias que — como a de Boa Viagem e a da Piedade — com as quais *rivalizam* as de Olinda, de umas e de outras saindo para o alto-mar jangadas a vela.

Vamos acompanhar, pelos registros da memória dos depoentes, as relações e rivalidades entre olindenses e recifenses e as identificações com suas respectivas cidades, considerando o fato de serem tão próximas, mas tão diferentes em suas histórias e particularidades, como tão bem nos mostra Gilberto Freyre⁴ no fragmento citado.

Em psicanálise, a identificação é entendida como um mecanismo psicológico constitutivo da personalidade, que está na base das rivalidades e dos ciúmes fraternos e conseqüentemente nas características identitárias, mas também está nas bases das inter-relações sociais. Vejamos, no Dicionário de Psicanálise, como se explica esta questão:

Identificação é um processo psicológico mediante o qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, sobre o modelo deste. A personalidade se constitui e se diferencia mediante uma série de identificações.⁵

Já os ciúmes e rivalidades podem ser entendidos com base no conceito trazido por Jacques Lacan,⁶ que destaca a importância do imaginário nestes mecanismos e também nas condutas sociais: “A identificação específica das condutas sociais se baseia em um sentimento do outro que se desconheceria se se carece de uma concepção correta de seu valor totalmente imaginário”. Em Aurélio Ferreira,⁷ encontramos a seguinte significação para o termo *rivalidade* no senso comum: “1. Qualidade de rival, ou de quem rivaliza, competição, emulação. 2. Oposição, luta, conflito, competência. 3. Zelos amorosos; ciúmes”. Portanto, sentimento ambivalente, hostil e também amoroso.

Vamos acompanhar os dados da historiografia para entender as relações de rivalidade e os ciúmes mantidos ao longo do tempo, as fases de evolução de Recife e seu apogeu, e as fases de declínio de Olinda, descritas no capítulo anterior, com base nos relatos dos cronistas,

⁴ FREYRE, 1968.

⁵ LAPLANCHE; PONTALIS, 1971, p. 190.

⁶ LACAN, Jacques. *La família*. Buenos Aires: Homo Sapiens, 1977. p. 36.

⁷ FERREIRA, 1986, p. 1513.

que marcam as diferenças históricas de cada uma. A emancipação político-administrativa do Recife, em 19 de novembro de 1709, elevada ao *status* de vila, denominada Santo Antonio do Recife — já que antes era uma simples comarca —, não foi bem aceita pela população de Olinda, como nos atesta esta passagem:

Somente muito posteriormente, é que pela carta régia de 19 de Novembro de 1709, teve a categoria de villa [Recife] attendendo el-rei à informação do governador Sebastião de Castro Caldas, sobre a *assistência dos governadores e ministros ser na cidade de Olinda, e não no Recife*, como costumavam abusivamente, e para que se evitassem as desuniões dos moradores da mesma *cidade de Olinda com os de Recife*.⁸

Iniciava-se assim o ciclo de crescimento de Recife, que gerou tensão entre os olindenses e acirrou muito a rivalidade. Percebemos que as relações entre ambas foram conflituosas, hostis e também amorosas. Por que Olinda não conseguiu acompanhar a evolução de Recife? Como isso se deu?

Não podemos pensar em sentimentos de rivalidade, sem pensar em disputas e ciúmes. Em 1709, Pernambuco tinha 246 engenhos de açúcar e produzia 12.300 caixas do produto já com a retomada da produção, após quase um século do período da guerra holandesa. “Olinda perde o centro das decisões administrativas, políticas, econômicas, judiciárias e religiosas, que foram sendo transferidas para o Recife”.⁹

Para Olinda, a pérola da Colônia, perder o posto e importância para Recife, pode ter sido uma grande questão narcísica, para a vaidade dos olindenses. Sem sombra de dúvidas, o crescimento do Recife é um fato que marcou outra grande perda para o imaginário dos olindenses e, conseqüentemente, teve reflexos em seus traços identificatórios.

A ligação entre as duas cidades cada vez mais foi facilitada pelas mudanças ocorridas em seus meios de transporte e de acesso. Antes era proporcionado só por embarcações, principalmente canoas, mas, desde 1700, foi construída a primeira ponte no Varadouro em Olinda, acesso terrestre, que permitiu nova passagem em direção à povoação portuária: o Recife. Para que possamos ter uma idéia mais ampla da ligação entre as duas cidades e sua proximidade física, temos abaixo, foto do istmo que liga Olinda e Recife por pontes, e onde ainda se encontram as ruínas do Forte do Buraco, construído pelos portugueses no século XVII.

⁸ GALVÃO JUNIOR, Sebastião de Vasconcellos. Recife. In: SILVA, Leonardo Dantas (Org.). *Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco*. 2. ed. Recife: CEPE, 2006. p.11-491. p. 310.

⁹ GUERRA, 1992, p.64.



Fotografia 30 – Foto aérea do istmo, 2000¹⁰

Mesmo tendo Recife o *status* de vila, os recifenses não estavam autorizados a participar dos conselhos do poder administrativo. Os conflitos e a rivalidade se acirram entre a nobreza de Olinda — a aristocracia, representada pelos endividados antigos donos de engenho, em sua maioria brasileiros que habitavam a cidade — e os comerciantes portugueses credores e financiadores da agroindústria açucareira de Recife. Os traços e marcas das diferenças já estavam sendo gestados e foram exacerbados nesses momentos. Os recifenses eram chamados pejorativamente de “mascates”, por serem portugueses e de origem simples, cujo comércio era inicialmente feito de casa em casa pela região, e os caixeiros, que se transformaram em donos de armazéns e de casas comissionárias. Estes formavam a nova burguesia da florescente vila de Recife.

Entre 1710 e 1711 eclodiu a revolta conhecida por “Guerra dos Mascates”, um dos mais importantes conflitos armados ocorridos entre a população das duas vilas, com muitas vítimas de ambos os lados. Os relatos de Sebastião Galvão Junior e Flávio Guerra são esclarecedores:

A sete de novembro, em número de 2.000, depois de terem à noite feito alto em Apipucos, chegam à Boa Vista na manhã de 8 Bernardo Vieira de Mello, que chegara dos Palmares se reunindo com outros ao capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, no domingo 9, triunfantes penetram na villa, lançam por terra o pelourinho,

¹⁰ À direita, sob a vegetação, o local onde estão as ruínas do antigo Forte do Buraco, construção portuguesa do século XVII, para a defesa da região. Fonte: Coleção André Pina. Arquivo Público Municipal de Olinda.

e esbordoam os mascates do novo Senado, fazendo fugir espavorido para a Bahia, nesse mesmo dia o governador Caldas.¹¹

Os recifenses, porém, impacientes por sua autonomia, e na ânsia de se vingar dos olindenses, não ficaram nas encóspias. E, passado algum tempo, pretextando queixas contra o sargento-mor Bernardo Vieira de Melo, que se dizia estar querendo se proclamar governador, fizeram estalar uma contra-revolução [...] O fato é que os recifenses puseram em campo regular tropa militar [...] A luta durou com certa violência até 6 de outubro, quando chegou o novo governador enviado pela corte, capitão-general Félix Machado Mendonça, a quem todos prestaram obediência, restabelecendo-se a paz.¹²

Ao final das lutas e de uma longa disputa pelo poder, saíram vitoriosos os recifenses, com a chegada do novo governador enviado por Portugal, o capitão-general Félix Machado Mendonça, que se estabeleceu na nova vila de Santo Antonio do Recife. Partidário dos recifenses, a ele coube o controle da situação, mesmo que a capital, formalmente, continuasse sediada em Olinda.

Essas lutas mostraram que um novo tempo estava chegando, com outro centro de poder. Em 10 de novembro de 1710, Olinda foi palco de movimentos libertários importantes na história do país. O sargento-mor Bernardo Vieira de Melo, proclamou a República de Olinda e posicionou-se em favor da independência do Brasil de Portugal. Este fato histórico gerou reações violentas da Corte, que dominou o movimento, e Bernardo Vieira de Melo foi levado preso para Portugal e lá morreu. A semente foi plantada: o ideal da liberdade e da independência de Portugal na colônia, e seus traços identitários de orgulho e amor à terra já podiam ser percebidos.

Enquanto assim prosperava o Recife, crescendo também em população, contando já umas 8.000 almas, e tornando-se superior à Olinda, sobretudo pelas vantagens do porto, são a mais importante praça de guerra e de commercio do norte do Brasil, não passava, à vista da lei, de uma aldeia.¹³

Ao tornar-se vila, Recife se ampliou e ficou gradualmente com parte significativa do território de Olinda, que teve uma grande perda territorial. Mário Maior e Leonardo Silva¹⁴ relatam as mudanças que ocorreram no território de Olinda:

Ao separar-se de Olinda, em 1709, a vila de Santo Antonio do Recife constava, apenas, das áreas compreendidas pelos bairros de São Pedro Gonçalves (bairro do Recife) e Santo Antonio, que se estende até os limites do rio Capibaribe com a povoação dos Afogados. Em virtude da provisão de 6 de dezembro de 1817, foram desmembrados do termo de Olinda o bairro de Boa Vista e a povoação dos Afogados.

¹¹ GALVÃO JUNIOR, 2006, p. 310.

¹² GUERRA, 1992, p. 69-70.

¹³ GALVÃO JUNIOR, op. cit., p. 30.

¹⁴ SILVA, 1992, p. 20.

Por resolução da presidência da Província, datada da reunião do Conselho de 20 de maio de 1833, lhe foram unidas as freguesias da Várzea, de Jaboatão e parte de São Lourenço, até onde tinha pertencido ao termo de Olinda. Pela Lei Provincial nº. 117, de 8 de maio de 1843, foram separadas do termo de Olinda e incorporadas ao Recife a freguesia de Poço da Panela e parte da Boa Vista, que ainda lhe pertencia. Em 1863 o termo, comarca e município do Recife compreendia as freguesias de São Pedro Gonçalves, Santo Antonio, Boa Vista, São José, Afogados, Muribeca, Poço de Panela, Várzea, Santo Amaro de Jaboatão e São Lourenço da Mata; compreendendo as quatro primeiras a área urbana da cidade propriamente dita, onde vivia uma população livre estimada entre 90 a 100 mil habitantes.

Em 1799, Dom Azeredo Coutinho tomou posse do Bispado de Olinda e sua atuação à frente da instituição foi importante, ao criar, no antigo colégio dos jesuítas, o Seminário de Olinda. Este se constituiu em importante espaço para a formação de intelectuais e líderes na região. No Seminário Episcopal de Olinda foram instalados por esse bispo, em 1800, cursos regulares, possibilitando a formação de uma elite política. Em Pernambuco, Olinda e Recife, particularmente, um novo clima político se instalou, com ideais libertários, influenciados pelas idéias européias, francesas em particular, que repercutiam na Colônia.

O movimento sócio-cultural e político que se emolgou nos fins do Século XVIII, com as revoluções francesas de 1789 e 1792 e a declaração dos direitos do homem em 1791, fundiu, no cristalar de suas conceituações, o alvorecer de uma nova etapa na vida política do Novo Mundo, repercutindo com certa profundidade em Pernambuco, onde a vasta literatura considerada avançada começou a encontrar o campo propício daquele *orgulho de “serem brasileiros”* dos pernambucanos, e abrisse as janelas para se começar a receber o sol das novas concepções políticas.¹⁵

Desde a segunda metade do século XVIII, Recife já apresentava sinais de desenvolvimento urbano que foi intensificado com a chegada do príncipe regente D. João VI, em 1808, que abriu os portos ao comércio às nações amigas, quando da vinda da família real para o Brasil. Assim teve início uma nova fase para a Colônia, que foi elevada à categoria de Reino. Isso contribuiu para o desenvolvimento do Recife, pela presença de seu porto e pela própria localização geográfica da região, mais próxima da Europa.¹⁶

A abertura dos portos possibilitou o alargamento do mercado externo, que perdeu as amarras do monopólio do comércio via Portugal. Isso trouxe para a região negociantes e capitais estrangeiros, principalmente ingleses e franceses, que além de sua experiência, contribuíram para o incentivo e renovação do comércio. Houve reflexos para a região pernambucana e baiana, que eram os centros de poder do Brasil Colônia. Recife, nesse momento a principal cidade da Capitania, tinha, segundo o cronista Henry Koster,¹⁷ em 1809,

¹⁵ GUERRA, 1992, p. 74, grifo nosso.

¹⁶ GOMES, 2007.

¹⁷ KOSTER, 1942.

cerca de vinte e cinco mil habitantes, sendo considerada a principal praça comercial do Brasil; e Olinda tinha cerca de três mil almas, apenas. O desenvolvimento de Recife ia acontecendo de forma muito intensa, com a retomada da produção do açúcar, do algodão, da madeira e outros produtos, que novamente alavancavam a vida financeira, abrindo um novo ciclo. E Recife foi a cidade mais beneficiada.

Os traços identitários dos olindenses e recifenses se aprofundaram e foram revelados num outro movimento libertário importante, a revolução de 1817, conhecida como “Revolução dos Padres”, por ter sido gestada no Seminário de Olinda e ter contado com a participação de cerca de 50 padres, num confronto entre as tropas revoltosas pernambucanas e portuguesas. Nesse momento foi instalado um governo provisório. Também participaram da conspiração as cinco lojas maçônicas que existiam em Pernambuco. Apesar de esse movimento expressar a franca hostilidade em relação a Portugal, foi sufocado e os idealistas pernambucanos foram derrotados. A Coroa portuguesa conseguiu dominar o movimento e seus líderes foram perseguidos. Recife foi ocupado militarmente e a reação da Coroa foi intensa, como destaca o historiador Flávio Guerra:¹⁸ “Pernambuco pagava bem caro por seu sonho de liberdade.”

Segundo Louis Tollenare,¹⁹ em 1819, Recife tinha aproximadamente quarenta e cinco mil habitantes e Olinda cerca de quatro mil moradores, o que já demonstrava a posição de relevância de Recife nos destinos da região. Rita de Cássia Araújo²⁰ refere a tentativa de unificação das duas cidades, Olinda e Recife, em 1820, plano que não chegou a se concretizar, mas mostrou as tentativas de enfrentamento das rivalidades e disputas acirradas entre elas:

Em 1820, o governador da província, Luís do Rego Barreto, havia exposto seu plano de unir Olinda e o Recife, criando a cidade de Pernambuco. A estrada aberta em sua administração, ligando Olinda ao bairro da Boa Vista, e a que projetava entre a vila do Recife e Olinda, seguindo o traçado do istmo, facilitaria bastante a comunicação entre elas. Pensava ser esta a melhor solução para acabar com séculos de *rivalidade* política entre as duas cidades.

Importante ressaltar que, em 1827, por autorização de D. Pedro I, foi decretada a criação dos primeiros Cursos Jurídicos no Brasil, um em São Paulo e outro em Olinda. Isto fez com que Olinda passasse a contar com uma vida estudantil intensa e certa efervescência intelectual, recebendo alunos de outras regiões. Chegou a ser criada na cidade uma tipografia, fundada em 1831, que funcionava na Rua do Amparo, n. 22, uma das primeiras a serem

¹⁸ GUERRA, 1992, p. 82.

¹⁹ TOLLENARE, 1956.

²⁰ ARAÚJO, 2007, p. 243, grifo nosso.

implantadas no estado de Pernambuco. Isto fazia com que Olinda pudesse ser considerada uma cidade universitária, como destaca Luiz Beltrão:²¹ “[...] pelo seu programa dos estudos superiores, e científicos, *transformara aquela cidade em uma nova Coimbra*, na frase de um cronista coevo”.

A fundação do Seminário de Olinda e a criação dos cursos lecionados neste Seminário forjaram a formação de uma liderança intelectual na cidade, que teve influência nos destinos da região e foi a base do surgimento dos movimentos libertários, já citados, visando a independência do Brasil de Portugal, que começaram a surgir na Colônia, inicialmente em Pernambuco, e marcaram a identidade dos pernambucanos e dos olindenses em particular.

Esteve o colégio dos Jesuítas abandonado até 1796, quando o prédio e todos os seus pertences foi doado, por ordem do Príncipe Regente D. João, ao 2º Bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho (1742-1821), para nele funcionar o Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça, solenemente instalado em 16 de fevereiro de 1800.²²

Foi se formando um novo núcleo de poder, com a ascensão das classes mais endinheiradas, que se estabeleciam na região: os burgueses. Eram os banqueiros, os produtores e exportadores do açúcar e do algodão e os comerciantes, importadores dos produtos de primeira necessidade ou de luxo, para a região de Pernambuco. O bairro portuário do Recife foi se especializando, desde o domínio dos holandeses, como um centro comercial de exportação e importação de mercadorias, e seu porto era o mais importante de toda a região nordeste da Colônia e do Império. Esse bairro, no início do século XIX, já apresentava alto grau de especialização, como local portuário, bancário e entreposto comercial.

Foram ali construídos os sobrados e, como aconteceu em Olinda, tinham as casas comerciais localizadas no térreo e a moradia dos proprietários no andar superior. Eram construções de até quatro andares, direferentemente de Olinda, que em sua maioria eram de apenas dois andares. Os judeus, comerciantes por excelência, se fixaram na região no período colonial e foram os grandes financiadores da produção do açúcar. O bairro portuário de Recife reunia essa nova elite e era a região administrativa e comercial. Nele se concentravam grandes empresas, bancos, inclusive a própria Associação Comercial, criada no ano de 1839.

É curioso que nesse bairro foi construída a primeira sinagoga da América Latina, a “Kahal Zur Israel”, edificada no século XVII, localizada na rua dos Judeus, hoje rua do Bom Jesus. Funcionou de 1637 a 1654 e mostra a importância dos judeus na história da região.

²¹ BELTRÃO, 1996, p. 129, grifos de do autor.

²² NOGUEIRA, Mons. Severino Leite. *O seminário de Olinda e seu fundador o bispo Azeredo Coutinho*. Recife: FUNDARPE, 1985, p. 4.

Fundada pelos judeus da Holanda, vindos para o Brasil ao fugirem da perseguição que lhes foi imposta na Europa daquele período, a sinagoga foi descoberta pelo pesquisador José Luiz Mota Menezes. Nas escavações, a muralha que servia para proteger a cidade dos inimigos, ainda pode ser observada. No local da antiga sinagoga, funciona hoje o Centro de Referência da Cultura Judaica.²³

Já o bairro de Santo Antonio, ligado por ponte ao istmo, transformou-se num centro comercial varejista importante, no qual foram surgindo lojas mais sofisticadas, para atender às demandas de artigos mais luxuosos, para o consumo dessa nova burguesia que florescia em Recife. O terceiro bairro, o de São José, era residência da população trabalhadora do comércio, dos artífices e dos funcionários públicos.

Rita de Cássia Araújo,²⁴ em seu detalhado estudo, nos informa que, nesta época, o marco do desenvolvimento e do crescimento da cidade do Recife podia ser medido pela construção do maior símbolo de luxo, o Teatro Santa Isabel, projetado pelo arquiteto francês Louis Léger Vauthier. Em abril de 1839, o governador Conde da Boa Vista (1837-1844) autorizou a construção de um teatro público nos moldes da arquitetura clássica, digno da importância de Pernambuco, que foi inaugurado em 1850 e deu um ar de metrópole à capital pernambucana. Essa edificação, que fez parte de uma missão técnica francesa, marcou uma época de grandes mudanças na fisionomia do Recife, trazendo a influência da arquitetura neoclássica para a região.²⁵

Tom Maia, Gilberto Freyre e Thereza Maia²⁶ destacam como marco da riqueza de Recife a construção da Capela Dourada no Mosteiro dos franciscanos, em 1896. Assim os autores a descrevem:

Parte integrante do Museu Franciscano de Arte Sacra, a Capela Dourada da Ordem Terceira, “esplendecente pelo seu ouro, numa majestosa firmação do barroco, nasceu naquele agitado fim artístico do século XVII — de Luís XV em França e D. João V em Portugal — justamente com o apogeu financeiro de Pernambuco”.²⁷

²³ BRASIL ARQUEOLÓGICO. Site da Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. *A escavação da Sinagoga Kahal Zur Israel na mídia*. Disponível em: <[http://www.magmarqueologia.pro.br/S_Kahal\(Midia\)htm](http://www.magmarqueologia.pro.br/S_Kahal(Midia)htm)>. Acesso em: 17 mar. 2008.

²⁴ ARAÚJO, 2007.

²⁵ GUIA PERNAMBUCO. *Teatro Santa Isabel*. Disponível em: <www.guiapernambuco.com.br/teatro/teatrosa.shtml>. Acesso em: 11 abr. 2008.

²⁶ MAIA, Tom; FREYRE, Gilberto; MAIA, Thereza Regina Camargo. *Recife & Olinda*. São Paulo: Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

²⁷ *Ibidem*, p. 29.

São deste período os seguintes edifícios: a casa de Detenção (1850-1867), atualmente funciona a Casa da Cultura, centro de artesanato; o Ginásio Pernambucano (1855-1868), até hoje em funcionamento, e o Hospital D. Pedro II (anos 1860).

Podemos perceber a pujança do Recife nos relatos do pintor alemão Rugendas. No início da década de 1920, esse pintor comentou que Pernambuco (Recife) era, depois da Bahia (Salvador), a cidade marítima mais importante do Brasil e que já era o principal entreposto de comércio com a Inglaterra. O crescimento de seu comércio é também destacado por Flávio Guerra:²⁸ “De fato, em 1839, Recife contava com 75 estabelecimentos atacadistas, sendo 23 brasileiros, 22 ingleses e 10 portugueses.”

Mesmo assim, desde a segunda metade do século XVIII, com a crise internacional do açúcar e a descoberta das minas de ouro e diamantes na região Sudeste, a região pernambucana perdeu a hegemonia econômica e seu lugar como centro de poder. Este centro deslocou-se para a região sudeste, que foi impulsionada em seu progresso pelo mercado externo — o das minas, com a exploração do ouro e dos diamantes, e depois pela produção e exportação do café, que propiciou o desenvolvimento desta região a partir da segunda metade do século XIX. O Nordeste permanecerá como uma região fornecedora de matéria-prima apenas.

Durval Muniz Albuquerque Junior²⁹ em seu livro sobre a história e o conceito da região Nordeste, intitulado *A Invenção do Nordeste e outras Artes*, percebe a importância cultural da região em relação ao restante do país, não apenas nos aspectos econômicos. O autor destaca a região em seus trabalhos:

Gilberto Freyre, por exemplo, atribui à influência holandesa no século XVII um dos fatores de diferenciação do Nordeste. Esta área teria se diferenciado até do ponto de vista cultural do restante do país, a partir do momento em que Recife se constituiu em centro administrativo de uma área equivalente ao atual Nordeste, além, de centro financeiro, comercial e intelectual judaico-holandês.³⁰

Percebemos a importância do período da colonização portuguesa e da invasão e expulsão dos holandeses na formação da identidade e da consciência regional, que, para Gilberto Freyre³¹, teria antecedido à própria consciência nacional no Brasil. Nesse ponto, é bom destacar a percepção dessa identidade pernambucana, descrita por Nilo Pereira³² e

²⁸ GUERRA, 1992, p. 110.

²⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999.

³⁰ Ibidem, p. 75.

³¹ FREYRE, 2000.

³² PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, 1983.

destacada por Dorany Sampaio,³³ organizadora das comemorações do 350º aniversário da Restauração Pernambucana, na apresentação da coleção dos textos históricos sobre Pernambuco, editados na ocasião, quando afirma:

Este material valioso há de contribuir para fortalecer os justos sentimentos de *ufania*, da nossa *pernambucanidade* e da consciência regional, como elementos constituintes de nosso patriotismo [...] após anos de sacrifícios, de derramamento de sangue da *raça brasileira* em formação.³⁴

Como vimos, Olinda entra em decadência durante longo período, e isso vai se refletir no orgulho e nos sentimentos identitários dos olindenses. Este declínio estende-se durante todo o século XIX, como pudemos constatar nos depoimentos dos estrangeiros que estiveram lá de passagem, apresentados no capítulo anterior. Isto porque Pernambuco se desenvolveu e se transformou num pólo de produção do açúcar e do algodão, que são suas principais riquezas, e é um centro essencialmente exportador. O açúcar é uma monocultura que ocupa grandes faixas de terras — os latifúndios — e até hoje estão concentradas nas mãos de uma minoria abastada, os usineiros.

Recife é o novo centro do poder.³⁵ Também foram iniciadas as primeiras ferrovias, em 1858, com a primeira linha para o São Francisco, que favoreceu Recife, por seu papel propulsor do desenvolvimento regional, facilitando as comunicações e escoamento da produção.³⁶

Os dados do primeiro censo oficial,³⁷ em 1872, registraram 116.671 habitantes em Recife, que já se transformava em núcleo de influência de toda a região, englobando, além de Pernambuco, a Paraíba, o Rio Grande do Norte e Alagoas.

A mão-de-obra que utilizou na produção do açúcar, antes escrava, foi depois substituída pelos chamados “cortadores de cana”, trabalhadores empregados, muitas vezes, em regime de rotatividade, em função das safras, e historicamente mal remunerados. Conforme Fernanda Rosas:³⁸

³³ SAMPAIO, Dorany. Apresentação. In: BOXER, Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. Recife: CEPE, 2004. p. iv-v.

³⁴ *Ibidem*, p. v, grifo nosso.

³⁵ A respeito consultar: ANDRADE, Manuel Correia. Formação da aglomeração recifense. In: JATOBÁ, Lucivânio (Org.) *Estudos nordestinos sobre crescimento urbano*. Recife: FUNDAJ, 1987. p. 257-291; ANDRADE, Manuel Correia. *Recife: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida*. Recife: EDUFPE, 1979; VASCONCELOS, Pedro. Destinos paralelos: as aglomerações de Olinda-Recife e Salvador. Uma homenagem a Manuel Correia de Andrade. In: FERRAZ, Fernando (Org.). *Reflexões sobre espaço-tempo*. Salvador: UCSAL/Quarteto, 2004. p. 105-123; VASCONCELOS, Pedro. *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus, 1999.

³⁶ VASCONCELOS, 2004.

³⁷ IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Séries Estatísticas Retrospectivas*. Rio de Janeiro, 1986. p. 14.

³⁸ ROSAS, Fernanda. *Os doces da fidalguia*. Recife: GCL, 1988. p. 10.

O Nordeste atua como região subordinada e fornecedora de matéria-prima e força de trabalho barata, constituindo o que poderíamos chamar de um exército nacional de reserva de mão-de-obra, além de ser área propícia para que os investimentos sulistas pudessem ser mais rentáveis (como também a extração de capital, e sua posterior capitalização).

A economia pernambucana era muito dependente deste produto e estava suscetível também às altas e quedas dos preços nos mercados internacionais, o que levou a economia da região a uma dependência dos grandes centros internacionais. O desenvolvimento econômico do Recife também se deu no setor terciário, porque a cidade se destacou como pólo comercial, desde a época colonial, pois fazia a intermediação com Portugal, Holanda e depois com a Inglaterra, pela exportação principalmente do açúcar e do algodão e pela importação de bens, principalmente manufaturados.³⁹ Sobre o início da industrialização na região, Rita de Cássia Araújo⁴⁰ ressalta que, até 1850, não havia grande desenvolvimento na indústria no Recife:

No caminho entre Olinda e Recife, havia cordoaria de côco, de propriedade do português Veiga [...] Em 1825, o abastado comerciante Gervásio Pires Ferreira montou uma fábrica de tecidos de algodão, de fabricação grosseira, destinada a vestir a escravaria e a gente pobre. Mais expressiva e de maior impacto na cidade foi a Fundição da rua da Aurora, do súdito inglês Cristóvão Sattr, fundada em 1829. Indústria complexa [...] estava aparelhada para produzir máquinas a vapor, caldeiras, engenhos para cana, tachas, alambiques de ferro [...]

A economia pernambucana conheceu certo grau de progresso, quando, no Império, se instalou em Pernambuco certa aceleração das atividades comerciais e também industriais, principalmente a indústria têxtil, cuja primeira fábrica, datada de 1874, resultou da necessidade de se ensacar o açúcar para exportação. Mas as transformações também ocorreram na região pernambucana pela necessidade de produção em massa, e foi beneficiada com a inovação mais importante, que foi a substituição da tração animal pela força a vapor, introduzida na fabricação do açúcar, nos engenhos pernambucanos.⁴¹

Graças à comunicação possibilitada pela linha férrea, Olinda entrou em novo ciclo, favorecido pelo abandono do uso das canoas, já com a construção da primeira estrada que unia as duas cidades, entre 1817-1821. Depois surgiu a *Maxambomba*, a partir de 1870, trem urbano que funcionou até 1914, quando foram implantados os bondes elétricos. O nome vem da maneira popular de pronunciar *Machines and Pumps*, nome da empresa inglesa, escrito na

³⁹ VASCONCELOS, 2004.

⁴⁰ ARAÚJO, 2007, p. 137.

⁴¹ SILVA, 1992.

frente das locomotivas. Utilizava os trilhos instalados da Encruzilhada, no Recife, até a Praça do Carmo, em Olinda. Luiz Duarte⁴² explica como se deu esse início de ligação:

A primeira estrada de ferro urbana ligando Olinda e Recife, foi aberta ao tráfego a 22 de junho de 1870, por cujo empreendimento muito demonstrou interesse Francisco de Assis Pereira Rocha, que presidiu a Província de Pernambuco nos anos de 1868 a 1870. O segundo ramal da estrada de ferro entre Encruzilhada e Beberibe, foi inaugurado em 14 de maio de 1871.

Desde 1876, a chegada da máquina movida a vapor implicou num grande desenvolvimento para a região e Olinda também foi beneficiada por esses novos avanços, como vimos acima, que facilitou o acesso esta cidade e Recife, fazendo a ligação de Recife até o largo do Carmo, centro da vida social olindense. Em seguida aos bondes elétricos surgiram os ônibus e os automóveis, com as rodovias que cada vez mais propiciaram um acesso mais rápido entre as duas cidades. Este processo permitiu uma proximidade muito grande entre elas, como se tratasse de uma só.

No século XIX, o rápido crescimento do Recife, seu comércio e a chegada de novas fábricas fizeram com que a cidade se transformasse no pólo de desenvolvimento da região. E Olinda ainda ocupava a parte antiga, suas colinas. Assim Fernando Novaes⁴³ descreve a cidade de Olinda, em 1876:

A cidade ocupava os morros que constituem hoje em dia, sua parte antiga, histórica (centro administrativo, religioso, turístico). Para o Norte só chegava até o Carmo. Seus subúrbios iam até o cemitério. Da estrada do norte, que demandava Igarapu, partia (no ponto em que hoje fica a vila da COHAB na interseção da Av. Joaquim Nabuco com a rodovia Pan Nordestina), uma estrada em direção ao forno do Cal; esse caminho, após surgir e atingir o antigo Engenho Nossa Senhora da Ajuda, seguia entre a mata e o mangue, serpenteando até o Porto da Madeira, no Engenho Sapucaia.

Por outro lado, Recife tornou-se o centro abastecedor de toda a região nordestina e entreposto de produtos vindos principalmente do sul do país. Teve um grande desenvolvimento em função de seu porto. As indústrias foram se estabelecendo em Pernambuco. As atividades comerciais foram sempre importantes e as atividades de prestação de serviços predominaram na cidade:

Em 1968, Recife passou a contar com 8.387 estabelecimentos comerciais, sendo 506 grossistas, o que confirma a importância do seu comércio nesse período. Também nesses anos Recife contava com 101 agências bancárias, e sete bancos tinham sua sede nessa cidade [...]

⁴² DUARTE, 1976, p. 117.

⁴³ NOVAES, 1990, p. 33.

O Nordeste, que no período inicial, era a região mais rica da América Portuguesa, entrou em um processo de longo declínio, enquanto que a região do Sudeste, a partir da lavoura do café, dos recursos da imigração, e da industrialização, se consolidou como principal região econômica nacional, centrada sobretudo na metrópole paulista.⁴⁴

Os dados do Censo, desde 1872 até o ano 2000, sobre o desenvolvimento populacional de Recife e de Olinda, permitem-nos observar a grande diferença entre seus dois universos:

Tabela 1 – Crescimento populacional das cidades de Recife e Olinda – 1872-2000⁴⁵

Cidades	População / ano							
	1872	1900	1940	1950	1960	1970	1980	2000
Recife	116.611	113.106	358.424	788.336	1.060.701	1.203.229	1.298.229	1.422.905
Olinda	12.000	20.000	36.712	62.435	109.953	196.152	281.858	367.902
Relação % Recife/Olinda	10,29	17,68	10,24	7,92	10,37	16,29	21,71	25,86

Mesmo tendo evoluído em termos populacionais, Olinda não acompanhou o desenvolvimento do Recife, que se transformou em centro econômico e político de toda a região. A Tabela 1 revela a diferença entre a população de Olinda e a do Recife. Este experimentou um crescimento exponencial e transformou-se, em 1950, no terceiro município mais populoso do país. Em relação a Olinda, percebemos um crescimento maior a partir da década de 1970, que se manteve estável, quando a cidade recebeu grandes conjuntos habitacionais, financiados pelo BNH, com o surgimento de seus novos bairros subsidiários do Recife.

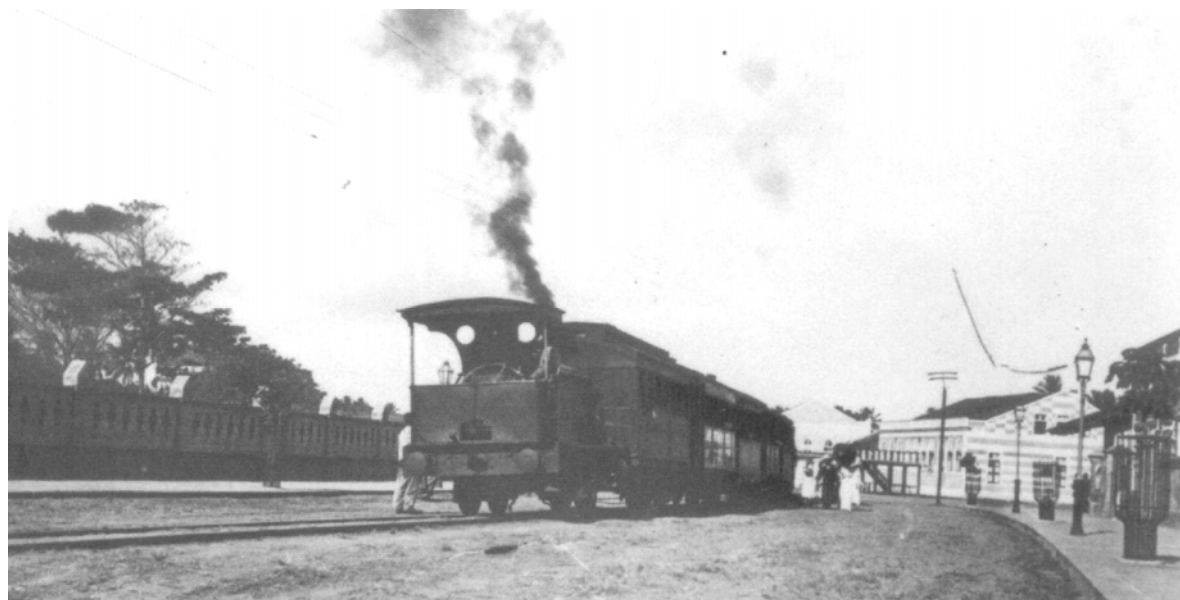
Os olindenses passaram a trabalhar em Recife, em seu comércio e em sua incipiente indústria, e Olinda transformou-se em uma *cidade dormitório*, para a maioria de sua população, já que não tinha condições de oferecer ocupação remunerada para todos. Os olindenses afluíam então para o Recife, em busca de empregos e renda. Isto ainda é percebido nos dias atuais. A seguir, fotos ilustram a época da chegada dos bondes e das pontes construídas para unir as duas cidades-irmãs: Olinda e Recife. Sem dúvida foi uma evolução em suas vias de acesso que aproximou cada vez mais as duas cidades.

⁴⁴ VASCONCELOS, 2004, p. 119; 120.

⁴⁵ IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000*. Disponível em: <www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2008a.

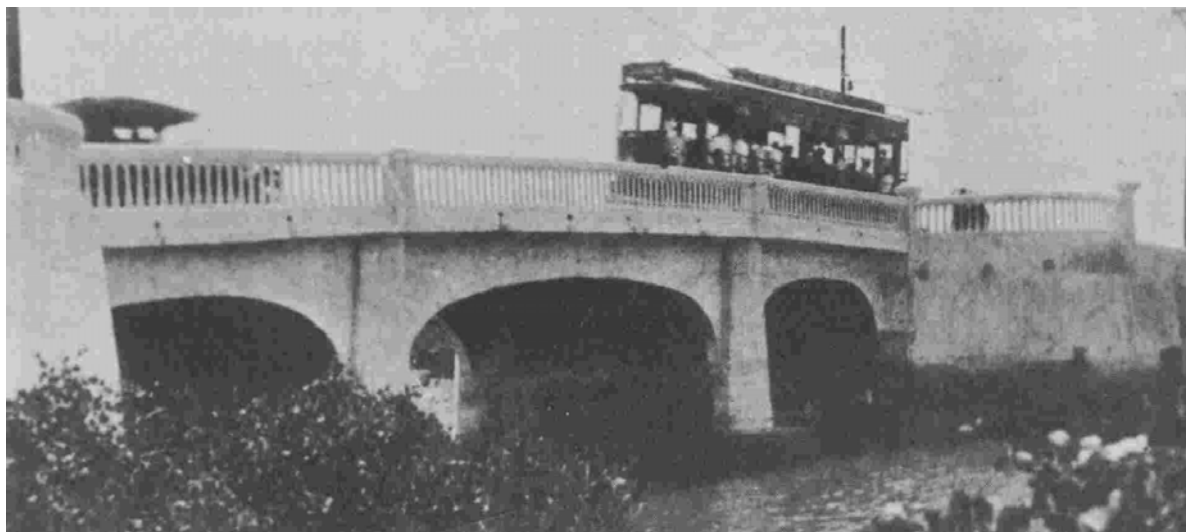


Fotografia 31 – Estação da Maxambomba no Largo no Largo do Carmo, final do século XIX⁴⁶



Fotografia 32 – A Maxambomba, tendo ao lado passageiros, na Praça do Carmo em Olinda, 1910⁴⁷

⁴⁶ Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



Fotografia 33 - Bonde na ponte da Tacaruna, que liga Olinda a Recife, 1924⁴⁸



Fotografia 34 – Bonde elétrico na ponte do Varadouro, 1930⁴⁹

⁴⁷ Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁴⁸ Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁴⁹ Este acesso terrestre encurtou sensivelmente a distância e trouxe maior rapidez na comunicação entre as duas cidades. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

Em Olinda instalaram-se algumas fábricas, como a Amorim Costa, no Varadouro, de fato, de origem mais antiga. Mesmo assim, foi nesta Olinda decadente e pobre que um português — Antonio José Madeira —, por volta de 1893, montou uma pequena fábrica de vinho de frutas nacionais e massa de tomate, a *Fábrica Actividade*.⁵⁰ Esta fábrica se transformou na Fábrica Amorim Costa.⁵¹ Sobre sua importância para Olinda, Clara da Silva Braga,⁵² depoente da pesquisa, nos traz suas lembranças, já que seu pai foi um de seus donos:

A Fábrica é uma referência muito grande para todos os olindenses, porque se dizia: “só é olindense quem pulou os muros de São Bento para roubar manga e pegou vela de abacaxi na fábrica do Varadouro”. Ela já exportava naquela época. Vendia sua produção para a Europa e América do Sul. Exportava para a Europa e para as Repúblicas do Prata. Produzia todas as qualidades de doces em calda e cristalizados: passa de caju, passa de goiaba, abacaxi cristalizado. Eles fabricavam para vender para o exterior, porque o povo de Olinda da época não apreciava este tipo de doces. Faziam também extrato de tomate e massa de tomate. Ela deixou de funcionar em 1959.

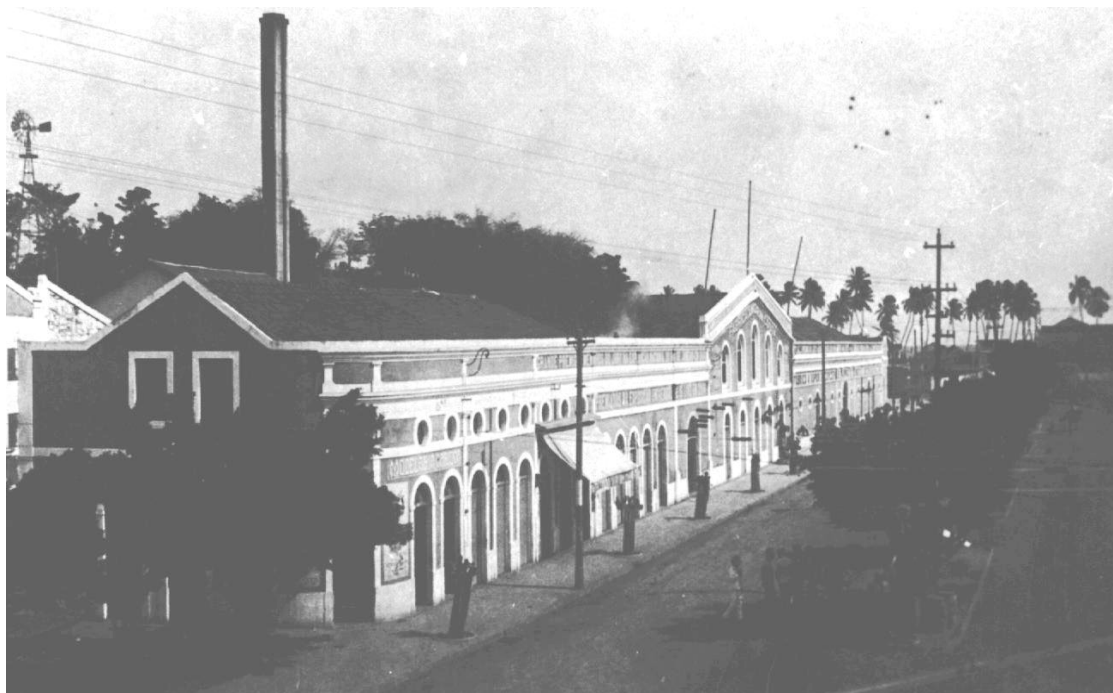
Atualmente funciona neste prédio o Mercado Eufrásio Barbosa, importante centro de Artes e Artesanato da Prefeitura de Olinda, no bairro do Varadouro, Sítio Histórico e ponto de grande visitação turística da cidade. Seguiram a fábrica têxtil Tacaruna, localizada em uma das estradas entre Olinda e Recife, e o Curtume Santa Maria, em Peixinhos, o que representou um importante marco para a cidade.

A seguir, foto de uma das primeiras fábricas de Olinda:

⁵⁰ ROSAS, 1988, p. 20.

⁵¹ Sobre a Fábrica Amorim Costa, uma das primeiras a abrir em Olinda, ver o trabalho de ROSA, Fernanda Jennes. *Os doces da fidalguia*. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988. A autora apresenta a história da antiga fábrica e ressalta sua importância no cenário de Olinda, como produtora e exportadora de doces, massa de tomate e conservas para outras regiões do país e outros países e importante marco da industrialização que se instalava no Brasil e em Pernambuco, no início do século XX.

⁵² Clara da Silva Braga Viana, nascida em Olinda, filha de Pedro Afonso da Silva Braga, um dos sócios da Fábrica Amorim Costa, e Branca Faria da Silva Braga. Família tradicional olindense. Morou muito anos na ladeira do Varadouro, próximo a fábrica. Formou-se em Pedagogia, hoje é aposentada, tem filhos e netos.



Fotografia 35 – Fábrica Amorim Costa⁵³

Mas Olinda não se industrializou e nem se desenvolveu como Recife, beneficiada pelo escoamento da produção regional por seu porto. A fábrica de doces Amorim Costa foi um marco do passado. O que permanece hoje é Recife, como centro portuário, tendo recentemente se ampliado com a construção do novo porto em Pernambuco, na região de Suape, ao sul da capital. Olinda permaneceu como uma cidade dormitório de Recife, a despeito de ter vivenciado um crescimento quando se transformou em uma cidade balneária, no início do século XX, e foi escolhida pela população abastada do Recife como local aprazível para a temporada de verão, como veremos a seguir.

5.1 OLINDA SE TRANSFORMA EM CIDADE-BALNEÁRIO

Mesmo com o expressivo aumento de sua população a partir de 1872, como registram os recenseamentos oficiais, como vimos acima, Olinda teve o crescimento da população

⁵³ Uma das primeiras construídas em Olinda, no bairro do Varadouro, na Av. Sigismundo Gonçalves, no Sítio Histórico que funcionou até o ano de 1959. Fonte: ROSAS, 1988, p. 3.

representado por uma curva ascendente, acompanhado de um ciclo de declínio econômico que foi muito longo.



Fotografia 36 – Praça do Carmo, 1910⁵⁴

Assim, as duas cidades-irmãs se separam em definitivo em relação ao universo de suas populações. Houve um crescimento da ocupação urbana em Olinda, que saiu das colinas e se dirigiu para a parte plana e a beira-mar, área não muito valorizada anteriormente e onde residiam os pescadores e a população simples, como nos explica a arquiteta Marília Didier,⁵⁵ em seu trabalho sobre Olinda:

No início do século XX, o interesse pelas áreas planas foi impulsionado, em virtude dos novos conhecimentos da medicina, sobre os benefícios da salubridade dos banhos de mar, provocado pela procura das praias. Por falta de acesso para as praias do sul,

⁵⁴ Centro mais importante da cidade na época do veraneio, ponto de encontro das famílias e local das festas e retretas, vendo-se ao fundo as torres e a estação dos Correios, que permanecem até hoje no local. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁵⁵ DIDIER, Marília. *Reestruturação urbana: molhe dos milagres*. 1998. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, 1998. p. IV.

intensificou-se a procura pelas do norte. A faixa litorânea que compreende a área do Carmo deixou de ser habitada por casebres de pescadores, deu lugar a moradia das classes mais favorecidas, e ao longo desta surgiram as primeiras casas de veraneio.



Fotografia 37 – Praia dos Milagres, em Olinda. Primeiras décadas do século XX⁵⁶



Fotografia 38 – Praia do farol. Início século XX⁵⁷

⁵⁶ Com os casebres de construção simples em madeira, à beira-mar. Fonte: Coleção Edmar Lopes, Arquivo Público de Olinda.

⁵⁷ Com os casebres, moradia dos pescadores, vendo-se o antigo farol ao fundo. Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Olinda.

No início da estação, os veranistas vinham para Olinda e ocupavam casas de conhecidos ou alugavam casas. Só depois houve um interesse de adquirir os imóveis, construindo-se casas mais sofisticadas, ao gosto da época. Surgiram então, em Olinda, as residências modernas, de estilos ecléticos, um verdadeiro “modismo”, e os famosos chalés, muito em voga na França. Foram várias as construções na cidade desta época que permaneceram até hoje em bom estado. As construções foram sendo feitas no entorno do Sítio Histórico e nas ladeiras que lhe davam acesso.⁵⁸ A seguir foto típica de construção do estilo eclético, na esquina da ladeira do Bonfim, uma das mais importantes vias de acesso ao Alto da Sé, em Olinda:



Fotografia 39 – Casario de estilo eclético. Início do século XX⁵⁹

Sobre esta fase de Olinda, Luiz Beltrão,⁶⁰ em suas memórias, destaca a época do veraneio e seu apogeu, bem como, a antiga e histórica rivalidade entre as duas cidades:

Olinda ficou de novo no apogeu como estância balneária. Os banhos salgados fizeram verdadeira revolução social. Até então seriam apenas “terapêutica”, agora passaram a “elegância” [...] E Olinda muito cheia de si, esbanjando os seus melhores e mais variados trechos praianos: Milagres, Carmo, São Francisco, Farol, Casa Caiada, Rio Doce. Para bem acolher os veranistas. Empenhava-se, agora o Recife a fundo, na *bissecular rivalidade fraterna*, buscando readquirir a supremacia social que Olinda retomara como estação balneária, com suas banhistas [...] com seus trajes de baeta [...] Sim, o Recife reagiria e, logo mais, com a decidida cooperação de um olindense precisamente o engenheiro Cabral Filho, conquistaria também as suas mais belas praias, arrancadas do imenso pantanal em que se perdia o rio Jordão.

⁵⁸ ARAÚJO, 2007.

⁵⁹ Av. Liberdade no Carmo, onde funciona hoje a Faculdade de Olinda (FOCCA). Fonte: Reportagem de GALHARDO, Talles. O gosto eclético e o histórico Carmo. *Jornal de Olinda*, Olinda, p. 6, dez. 2006.

⁶⁰ BELTRÃO, 1996, p. 35- 36, grifo nosso.

Olinda experimentou certo destaque nesta época da medicina higienista, no final do século XIX e início do século XX, quando se tornou hábito das famílias abastadas do Recife ir para o veraneio e o banho salgado, muito indicado como saudável ou para recuperação da saúde. Seguindo as indicações da talassoterapia,⁶¹ que defendiam as propriedades da água do mar, pela presença do iodo, cloro e magnésio, na cura de algumas enfermidades, foram construídas residências de luxo para as temporadas de verão.

Outro fator importante na comunicação entre as duas cidades foi a chegada da eletricidade, que substituiu a Maxambomba, em 1914, pelo bonde elétrico da Companhia inglesa *Tramways Power and Comp. Limited*. Inicialmente, seu terminal era no largo do Carmo; posteriormente, foi deslocado para o Farol de Olinda, onde já havia algumas residências. Houve uma grande melhoria para a cidade nesta época do veraneio, com calçamento das ruas e desenvolvimento para a região praieira. O depoimento de André Renato Pina Moreira esclarece a respeito:

Em 1827 Olinda perdeu condição de capital, perdeu o poder político e a partir daí passou a ser uma cidade eclesiástica e uma cidade de escolas e a burguesia foi toda morar em Recife. No final do século XIX, início do século XX, com a vinda do trem urbano, isto facilitou a vinda das pessoas para Olinda e ela virou uma cidade veraneio. Olinda teve um novo florescer, e em conseqüência a cidade desceu para o litoral. Não era mais só o centro histórico. O centro histórico ficou lá, como tal.

Nesta época, Olinda se revestia de importância e novamente tinha uma vida efervescente, com festas, retretas, chegando a circular o jornal local *O Sol*,⁶² com notas sobre os acontecimentos sociais nas temporadas de veraneio. As famílias mais abastadas costumavam dispor de residências e vários casarões foram construídos para esta finalidade.

Olinda tinha nesse período intensa vida social, com eleição de Rainha das Praias, passeios às matas de caju e ao Alto da Sé. Aos domingos tinha a apresentação da filarmônica,

⁶¹ “Talassoterapia. ([De talass (o) - + -terapia] S. f. Terap). Tratamento de doenças por banhos de mar, viagens marítimas, climas marítimos.” (FERREIRA, 1986, p. 1642). Isso impulsionou o costume médico de indicar os “banhos salgados” como terapia para várias enfermidades, inclusive como prescrição terapêutica e como hábito saudável para a população. Os banhos de rios foram gradativamente substituídos pelos banhos de mar.

⁶² Araújo (2007) detalha, em seu trabalho, o início do uso dos banhos de rio e de mar, a vida social nas praias em Olinda e Recife, e seu desenvolvimento como cidades balneárias. A autora destaca as notas nos jornais, que publicavam notícias sobre aluguel de casas para veraneio, acontecimentos econômicos e sociais, como as festas e eventos das famílias importantes, bem como as fotos de modelos em trajes de banho. De acordo com esta autora, também circularam em Olinda, na temporada de veraneio, os jornais: *O Verão*, em 1933; o *Sol*, 1934 e *O Balneário*, 1938.

as “retretas” no Coreto do Carmo. Nesse local as famílias assistiam as apresentações e passeavam ao lado dos jovens e crianças. Seu ciclo era marcado pelas grandes festividades de fim do ano, o *reveillon*, e se encerrava com o carnaval, sua festa maior.

Carlos Ivan de Melo nos conta a respeito das manifestações culturais da população e das festas religiosas de Olinda. Em destaque as festas do Sr. do Bonfim:

Eu vim de família simples, morei no Varadouro. A família da minha mãe é uma família católica tradicional. Daí então surgiu minha curiosidade por tudo que Olinda tem na parte religiosa. Eu me criei num mundo de artes e da cultura. Nasceu então minha curiosidade pela parte decorativa. Eu ia às igrejas e via as pessoas ornamentarem os altares e as procissões que é uma tradição da cidade. Eu fui então me aperfeiçoando, iniciando na Igreja de São Sebastião. Minha mãe cantava nesta igreja, e o primeiro órgão desta igreja foi doado por minha tia, Beatriz Gomes Pinto. Foi muito especial participar das festas litúrgicas. O ciclo natalino me marcou muito, porque minha família fazia uma famosa Lapinha, com imagens portuguesas, e havia a tradição da “Queima da Lapinha”, com cantorias. E havia a tradicional Festa do Bonfim, que começava na véspera de Natal e encerrava no dia do Ano Novo. Havia a bandeira que era hasteada, com a insígnia [imagem] colocada em frente à igreja e vinha em procissão, carregada em charola, que era um andor, com balões e com lanternas, todo mundo cantando, com procissão em fila e esta bandeira era hasteada, e só era descerrada, quando encerrava a procissão, no último dia da festa. Havia parque de diversão, quermesse, e no último dia, tinha os fogos. A atração era o painel, e as pessoas só iam para casa depois que viam soltarem os fogos e aparecer o painel com a imagem do Santo Padroeiro, o Sr. do Bonfim. Era a tradição da igreja em Olinda.

A festa de fim de Ano, que durava uma semana inteira, era realizada na Rua do Bonfim, que era toda decorada para a ocasião, em função da igreja do Senhor do Bonfim. Carlos Ivan de Melo relata muito bem o clima religioso, no qual percebemos toda a influência da cultura portuguesa, revelada pela participação da comunidade nesses rituais da igreja católica, trazidos pelos colonizadores e que se perpetuavam entre os moradores de Olinda e Recife.

Havia a participação de todos, tanto na parte religiosa como na profana. As festas de rua eram muito concorridas e famosas, com a presença dos olindenses e dos recifenses veranistas. Havia as quermesses, barracas com jogos e vendas de comidas, o parque de brinquedos infantis e a queima de fogos, aos quais compareciam todas as famílias e era um importante encontro da

população da cidade em seu aspecto de grande sociabilidade. Era um momento de conagração e muita aproximação. Não havia o costume de se fazer festas particulares fechadas, como as atuais “festas de *réveillons*”; era uma festa popular de rua, aberta a toda a população, na qual as famílias participavam e se confraternizavam nas comemorações de final de ano. Várias eram as atrações, tanto religiosas como profanas, com os grupos folclóricos como o tradicional *pastoril*,⁶³ o *fandango*,⁶⁴ o *reisado*.⁶⁵ Havia a frequência de todas as gerações.

Eunice Nascimento Silva⁶⁶ rememora esses seus tempos de jovem, quando havia a “paquera” e os namoros, e detalha com saudades um tempo que acabou. Eis seu relato desse período de veraneio e das famosas festas de Olinda:

Agora eu volto para os anos 50. O Bonfim tinha uma grande festa que era de “arromba” mesmo. Até um navio de madeira fazia para dançarem o fandango, com parque, brinquedos, tipo festa de interior. A igreja do Bonfim aberta, missa todo dia. Era a maior festa da cidade, a do final do ano. Todo mundo muito chic e aqueles recadinhos pelo alto falante. Hoje a gente não vê mais nada disso, acabou tudo. Desapareceu. Era a mais famosa festa de Olinda; ia toda a família. Também vinha gente de fora, que aquilo ali ficava que ninguém se agüentava de tão cheio. Ali não só estava Olinda.

Nessas festas de Olinda, também eram apresentados filmes, que eram exibidos nas paredes das casas na Rua do Bonfim, durante a semana festiva, de forma que toda a população podia assistir. Eunice destaca: “Acabou tudo!” Ela nos mostra a Olinda dos anos cinqüenta, e sua participação nas festas da cidade, descrevendo-as como uma grande celebração, em que participavam as famílias reunidas: seus moradores e os veranistas.

⁶³ “Pastoril. - S. m. l. Pequena representação dramática, composta de várias cenas (jornadas), durante as quais se sucedem cantos, danças, partes declamadas e louvações, e que se realizam diante do presépio, entre o dia de Natal e o de Reis, para festejar o Nascimento de Jesus; 5. Brás. N.E. Folguedo popular dramático, que se representa em um tablado ao ar livre, e em que há uma personagem masculina, o Velho, que conta anedotas, pilheria com os espectadores, vende prendas em leilão, todo entressachado com cantos e danças de uma meia dúzia de personagens femininas, as pastoras; pastorinhas.” (FERREIRA, 1986, p. 1.279-1.280).

⁶⁴ “Fandango. [Do esp. Fandango.] S. m. l. Dança espanhola, cantada, sapateada, em compasso ternário (3/4) ou binário composto (6/8); 10. Bras., N.E. folcl. Auto ou representação popular em torno da chegada de uma embarcação à vela a porto seguro. [Sin.: barca, marujada, marujos e (nalguns estados do N. e N.E.) chegança.]” (FERREIRA, 1986, p. 756).

⁶⁵ “Reisado. [Do reis + ado l.] S. m. Bras. Dança dramática popular com que se festeja a véspera e o dia dos reis; reisada.” (FERREIRA, 1986, p. 1.477).

⁶⁶ Eunice Nascimento Silva, 71 anos, olindense, comerciária aposentada, fez curso universitário de Pedagogia em Olinda, residiu durante sua infância, adolescência e juventude no Sítio Histórico. Já adulta, morou no Rio de Janeiro, depois retornou a Olinda e atualmente reside em Casa Caiada. Tem filhos e netos.

Olinda era percebida pela memória tal qual uma cidade do interior, na qual as famílias se conheciam e havia muita sociabilidade. Os trajés *chics* revelam a importância dos festejos para a população, que se engalanava para ir à festa de largo, com seus espaços na praça, onde se ia para ver e ser visto, onde acontecia a “paquera”, a conquista e os namoros entre os jovens. Onde também as crianças se divertiam nos parques com seus carrosséis, roda-gigante e barcos, tinham acesso a guloseimas e aos brinquedos que a depoente tão bem descreveu. Disso restaram apenas as lembranças.

Essas festas eram também uma expressão e vivência cultural, religiosa e social, e um traço importante da identidade dos moradores das duas cidades. Eram organizadas pela igreja, pela prefeitura e pelas famílias importantes da cidade e também pelos próprios olindenses, que participavam de sua organização, cuidando das prendas e das quermesses. Era uma Olinda de outrora, pois hoje essas manifestações não mais existem. Ambos os depoentes falam de uma fase que terminou. Revelam-nos, pelos registros da memória, as perdas que a cidade de Olinda sofreu com o correr do tempo.



Fotografia 40 – Largo do Carmo⁶⁷

⁶⁷ Vemos em primeiro plano os trilhos do bonde e ao fundo os chalés, construções típicas para o veraneio no início do século XX. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.



Fotografia 41 – Detalhe dos quatro chalés da Praça do Carmo⁶⁸

As fotos mostram Olinda no período de veraneio, com a Praça do Carmo como seu ponto central e em detalhe as casas de estilo “chalé”. Esta Olinda, balneário moderno e festivo, data do final século XIX e início do século XX, como informa Manoel Teixeira Neto,⁶⁹ apontando para a presença dos sete imponentes chalés, nas fotos acima, estilo muito apreciado na época, construídos neste período por uma mesma família — consta que era um para cada uma das filhas, e hoje restam apenas quatro deles, que sobreviveram à destruição provocada pelo avanço do mar.

Assim é lembrado por Alexandre Alves Dias este período de novo alvorecer para Olinda, ao apontar que ela viveu um novo ciclo de importância:

Olinda ganha vida e se transforma em cidade “fervilhante”, muito procurada para o veraneio pelas famílias abastadas de Recife e da região, nas praias do Carmo e nos Milagres, cheias de casas para o veraneio.

⁶⁸ Construídos no final do século XIX, o conjunto pertence hoje ao governo estadual — FUNDARPE — e nele foram instalados a Casa da Cidadania e a Secretaria da Justiça de Pernambuco, depois de terem servido, por muitos anos, como moradia para tradicionais famílias olindenses. Fonte: ARLÉGO, Edvaldo. *Olinda: patrimônio natural e cultural da humanidade*. Recife: Edificantes, 1992. p.53.

⁶⁹ TEIXEIRA NETO, 2004, p. 222.